

LEITURA COMPLEMENTAR

AULA 36

HISTÓRIA DAS RELIGIÕES

RELIGIOSIDADE HUMANA

HISTÓRIA DAS RELIGIÕES: RELIGIOSIDADE HUMANA

- APROFUNDAMENTO -

A religiosidade é uma dimensão intrínseca e fundamental da experiência humana, manifestando-se de diversas formas e em diferentes contextos desde os primórdios da civilização. Esta seção dedica-se a explorar os sinais arqueológicos que atestam a religiosidade primordial, a organização social em torno do sagrado e o desenvolvimento das práticas religiosas em sociedades agrícolas, culminando na compreensão católica dessa busca e da capacidade humana para Deus (Capax Dei). Por meio da análise da inclinação inata do ser humano para o sagrado, investigaremos como essa busca por um sentido transcendente se manifesta nas mais antigas culturas e como as concepções do divino se desenvolveram em pensamentos como o panteísmo, o politeísmo e o monoteísmo, revelando a universalidade da experiência religiosa e sua importância fundamental para a compreensão da natureza humana.

1. A crença em Deus desde os primórdios da humanidade

A crença em Deus, desde os primórdios da humanidade, examina a religiosidade como dimensão constitutiva da natureza humana, não como fenômeno acidental, mas como característica fundamental do "homo religiosus". Este tópico investiga os testemunhos arqueológicos—pinturas rupestres, enterros elaborados, estatuetas de fertilidade—que comprovam a dimensão espiritual integral às comunidades pré-históricas. Analisa como a religião respondeu aos profundos anseios existenciais, oferecendo explicações para fenômenos naturais, estabelecendo valores morais e proporcionando consolo diante do sofrimento. Com as sociedades agrícolas, a religiosidade desenvolveu-se em estruturas sofisticadas, com um sacerdócio especializado. Finalmente, a perspectiva católica compreende essa busca universal como sinal do Capax Dei—a capacidade inerente do ser humano de se relacionar com Deus — , apontando para a realização integral da pessoa apenas em comunhão com seu Criador.

a) A Religiosidade como Característica Universal da Espécie Humana

A ideia de que a humanidade sempre acreditou em Deus, ou em alguma forma de divindade, não é mera especulação teológica, mas uma constatação que encontra eco nas mais diversas disciplinas, da arqueologia à antropologia, da história à filosofia da religião. Essa busca incessante por um sentido maior, por uma realidade que transcende o puramente material, é uma constante na trajetória humana, revelando uma dimensão espiritual profunda e universal que se manifesta em todas as culturas e épocas. A religiosidade, neste sentido, não é um fenômeno acidental ou secundário na história humana, mas uma característica constitutiva do ser humano, tão fundamental quanto a razão, a linguagem ou a capacidade de criar ferramentas.¹

Os antropólogos e filósofos contemporâneos reconhecem que o ser humano é, por natureza, um "homo religiosus" — um ser cuja existência é marcada por uma abertura intrínseca ao transcendente, ao sagrado, a aquilo que ultrapassa os limites da experiência material imediata. Esta abertura não é resultado de uma educação ou de uma imposição cultural, embora possa ser desenvolvida, distorcida ou suprimida por circunstâncias históricas e sociais. É, antes, uma característica ontológica fundamental — um aspecto da própria estrutura do ser humano que o torna capaz de reconhecer o transcendente, de experimentar o sagrado e de buscar uma relação pessoal com Deus. Mesmo nas sociedades contemporâneas, marcadas pelo secularismo e pelo ceticismo, a dimensão religiosa persiste como uma realidade inegável, manifestando-se em formas tradicionais ou em novas expressões espirituais que revelam a persistência dessa busca fundamental.²

b) Os Testemunhos Arqueológicos da Religiosidade Primordial

Os achados arqueológicos em sítios pré-históricos oferecem evidências eloquentes de que a religiosidade é uma característica tão antiga quanto a própria humanidade. As cavernas de Lascaux e Altamira, com suas pinturas rupestres que muitos interpretam como rituais mágicos

¹ Tillich, Paul. *Teologia Sistemática*, pp. 45-67.

² Pondé, Luiz Felipe. *Crítica e Profecia: A Filosofia da Religião em Dostoiévski*, pp. 78-95.

ou espirituais, revelam que nossos ancestrais pré-históricos não se limitavam à mera sobrevivência material, mas dedicavam tempo e recursos significativos a expressões que transcendiam o utilitário. Essas pinturas, frequentemente localizadas em câmaras profundas e de difícil acesso, sugerem práticas rituais e cerimoniais que provavelmente envolviam crenças sobre o sagrado, a magia e a comunicação com forças sobrenaturais que governavam a caça, a fertilidade e a vida da comunidade.

Os enterros elaborados de Neandertais e Cro-Magnons constituem outro testemunho poderoso dessa religiosidade primordial. A presença de esqueletos cuidadosamente posicionados, acompanhados de oferendas, ferramentas, flores e pigmentos vermelhos, sugere uma crença na vida após a morte e na existência de um mundo espiritual que transcende o mundo material. Esses povos não apenas enterravam seus mortos, mas também o faziam de forma cerimonial, indicando uma compreensão de que a morte não era o fim absoluto, mas uma transição para outra forma de existência que merecia preparação e respeito. A presença de amuletos, símbolos sagrados e objetos de significado ritual em sepulturas demonstra que essas comunidades atribuíam valor espiritual a certos objetos e práticas, estabelecendo uma relação entre o mundo material e o mundo espiritual.³

A descoberta de estatuetas femininas, como a Vênus de Willendorf, datadas de cerca de 25.000 anos, sugere a existência de cultos relacionados à fertilidade e à maternidade, o que indica que a religiosidade primordial já possuía estruturas simbólicas sofisticadas. Esses achados revelam que a dimensão espiritual não era um luxo ou uma atividade marginal, mas uma parte integral da vida dessas comunidades, tão importante quanto a caça, a coleta de alimentos e a reprodução. A dedicação de recursos à criação de arte sagrada, à realização de rituais funerários elaborados e à manutenção de símbolos espirituais demonstra que a religiosidade era central para a identidade e a coesão dessas sociedades pré-históricas.

³ Tattersall, Ian. *O Surgimento do Homem Moderno*, pp. 156-189.

c) A Religiosidade como Resposta aos Anseios Existenciais Profundos

Essa universalidade da crença em Deus, ou em deuses, pode ser compreendida como uma resposta a anseios existenciais profundos que caracterizam a condição humana. Diante da grandiosidade e, por vezes, da crueldade da natureza, da finitude inevitável da vida, do mistério impenetrável da morte e da busca por um propósito que transcenda a mera sobrevivência, a religião ofereceu e continua oferecendo uma estrutura significativa para a compreensão do mundo e do sentido da vida humana. Ela forneceu as primeiras explicações para fenômenos naturais antes inexplicáveis — o surgimento do sol, as tempestades, as doenças, as colheitas — permitindo que o ser humano compreendesse seu lugar em um cosmos ordenado e significativo, não como vítima de forças aleatórias, mas como participante de um drama cósmico com sentido e propósito.⁴

Além de oferecer explicações cosmológicas, a religião estabeleceu valores morais para a convivência social, criando códigos de conduta que permitiram a organização de comunidades complexas e a transmissão de conhecimentos de uma geração para outra. Ela ofereceu consolo e esperança diante do sofrimento, transformando a dor em um elemento significativo da existência humana, frequentemente compreendido como uma oportunidade de crescimento espiritual, um sacrifício de valor transcendental ou uma prova que fortalece a fé. A religião, portanto, não foi apenas um sistema de crenças, mas um tecido fundamental que entrelaçava a identidade pessoal, a coesão social e a compreensão do cosmos, oferecendo respostas às três grandes questões que definem a existência humana: de onde viemos, por que estamos aqui e para onde vamos.

d) O Desenvolvimento da Religiosidade em Sociedades Agrícolas

A transição de sociedades caçadoras-coletoras para sociedades agrícolas marcou um ponto de inflexão crucial no desenvolvimento da religiosidade humana. Com o surgimento das primeiras civilizações, a observação dos ciclos naturais — o sol, a lua, as estações — e a dependência absoluta da fertilidade da terra para a sobrevivência levaram ao desenvolvimento de cultos agrários sofisticados e de divindades associadas à fecundidade, à colheita e à renovação cíclica

⁴ Eliade, Mircea. *O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões*, 1992.

da vida. Grandes templos e estruturas monumentais foram erguidos para honrar essas divindades, representando um investimento significativo de recursos e trabalho, que reflete a importância central da religião na vida dessas comunidades. Exemplos como Göbekli Tepe, na Turquia, datado de aproximadamente 9.500 anos, revelam que estruturas religiosas precederam até mesmo a agricultura, sugerindo que a religiosidade foi um fator motivador na transição para sociedades sedentárias.⁵

Com o desenvolvimento das primeiras civilizações na Mesopotâmia, no Egito e no Vale do Indo, o sacerdócio emergiu como uma classe especializada na mediação entre o humano e o divino, organizando rituais complexos, interpretando os sinais dos deuses através de práticas como augúrio e adivinhação, e mantendo o conhecimento sagrado que era frequentemente restrito aos iniciados. Os sacerdotes não apenas conduziam rituais, mas também serviam como guardiões da sabedoria cosmológica, preservando narrativas mitológicas que explicavam a origem do mundo, a estrutura do cosmos e o lugar da humanidade nele. A religião, nessa fase, tornou-se um pilar fundamental da ordem social e política, legitimando o poder dos governantes por meio de narrativas que os apresentavam como escolhidos pelos deuses ou como encarnações do divino.

Ela forneceu um senso de identidade e de propósito coletivo, unindo populações diversas sob um sistema de crenças compartilhadas e práticas rituais comuns que reforçavam a coesão social. Os festivais religiosos, as procissões e os sacrifícios rituais não eram apenas expressões de devoção, mas também mecanismos sociais que reforçavam a hierarquia, celebravam a abundância e pediam proteção contra calamidades. A religião, neste contexto, funcionava como um sistema integrado que abarcava a cosmologia, a moralidade, a política e a vida cotidiana, tornando impossível separar o sagrado do profano, o religioso do social.

⁵ Schmidt, Klaus. *Göbekli Tepe: Genesis of the Gods*, 2012. Ela forneceu um senso de identidade e de propósito coletivo, unindo populações diversas sob um sistema de crenças compartilhadas e práticas rituais comuns, reforçando a coesão social.

e) O Capax Dei: A Capacidade Humana para Deus na Perspectiva Católica

Na perspectiva da Igreja Católica, essa busca universal pelo divino é compreendida como um sinal da capacidade inerente do ser humano de se relacionar com Deus, conceito conhecido como *Capax Dei* — literalmente, "capaz de Deus". Esta noção teológica afirma que o ser humano foi criado com uma abertura fundamental para o transcendente, uma capacidade de reconhecer, buscar e relacionar-se com o Sagrado, tão intrínseca à natureza humana quanto a razão ou a liberdade. O Catecismo da Igreja Católica confirma este pensamento ao afirmar que "o desejo de Deus está inscrito no coração do homem, porque o homem foi criado por Deus e para Deus."⁶ Esta afirmação não é meramente uma doutrina abstrata, mas uma verdade existencial que se manifesta na experiência humana universal de busca por sentido, por verdade e por transcendência.

Esta capacidade para Deus não é resultado de uma educação ou de uma construção cultural, embora possa ser desenvolvida, distorcida ou suprimida por circunstâncias históricas e sociais. É, antes, uma característica ontológica fundamental — um aspecto da própria estrutura do ser humano que o torna capaz de reconhecer o transcendente, de experimentar o sagrado e de buscar uma relação pessoal com Deus. O escritor brasileiro Luiz Felipe Pondé oferece uma análise relevante dessa capacidade, argumentando que a religiosidade não é uma ilusão nem um resquício de tempos primitivos, mas uma dimensão autêntica da experiência humana que persiste mesmo nas sociedades contemporâneas mais secularizadas.⁷ Embora essa capacidade seja muitas vezes obscurecida pelo pecado, pelas ideologias materialistas ou pelas feridas da história, permanece como a raiz de toda a religião genuína e aponta para a verdade profunda de que o ser humano só encontra a sua verdadeira plenitude, a sua realização integral, em uma relação de entrega e comunhão com Deus, seu criador e destino final.

2. As Diferentes Crenças no Divino: Panteísmo, Politeísmo e Monoteísmo

A forma como a humanidade concebeu e se relacionou com o divino variou consideravelmente ao longo da história, dando origem a uma diversidade de sistemas de crenças que refletem

⁶ Catecismo da Igreja Católica. *Catecismo da Igreja Católica*, para. 27.

⁷ Pondé, Luiz Felipe. *A Religião Hoje*, pp. 34-56.

diferentes compreensões sobre a natureza de Deus, sua relação com o universo e seu envolvimento com a humanidade. Embora as distinções entre essas categorias possam ser, por vezes, complexas e sobrepostas em suas manifestações históricas, podemos identificar três principais modelos para compreender a natureza do divino: o panteísmo, o politeísmo e o monoteísmo. Cada um desses modelos apresenta uma perspectiva distinta e, frequentemente, contraditória sobre questões fundamentais: Deus é imanente ou transcendente? Existe um único Deus ou múltiplas divindades? Qual é a relação entre o divino e a criação? Como o ser humano pode conhecer e relacionar-se com o divino?

A compreensão dessas diferentes concepções é fundamental para o leigo católico contemporâneo, pois permite uma apreciação mais profunda da singularidade da fé cristã e uma compreensão mais respeitosa das outras tradições religiosas. Não se trata de afirmar que todas as religiões são equivalentes ou que não há verdade absoluta, mas de reconhecer que a busca religiosa universal reflete uma aspiração genuína do coração humano e que diferentes culturas e épocas desenvolveram respostas distintas, algumas mais adequadas do que outras, a essa aspiração fundamental.

a) O Panteísmo: A Divindade como Totalidade Cósmica

O panteísmo é uma visão de mundo em que Deus e o universo são fundamentalmente idênticos ou, no mínimo, inseparáveis em sua essência. Nesta concepção, não há distinção fundamental entre o criador e a criação; em vez disso, a divindade é considerada imanente a tudo o que existe, de modo que a totalidade do cosmos constitui a própria manifestação de Deus ou é, ela mesma, divina. Cada árvore, cada rio, cada estrela, cada ser vivo é uma expressão do divino, e a busca espiritual muitas vezes envolve a percepção dessa unidade fundamental e a dissolução do ego individual na totalidade cósmica. O panteísmo oferece uma visão de profunda interconexão e harmonia, mas ao preço de negar a transcendência de Deus e a realidade autêntica da criação como algo distinto de Deus.⁸

⁸ Spinoza, Baruch. *Ética*. São Paulo: Editora 34, 2007.

Filosofias orientais, como algumas vertentes do hinduísmo e do taoísmo, compartilham elementos panteístas em sua compreensão do divino. No hinduísmo, o conceito de Brahman — a realidade última e transcendental — é frequentemente compreendido como a essência imanente que permeia toda a existência, e a busca espiritual envolve a realização de que o Atman (o eu individual) é idêntico ao Brahman. Esta compreensão oferece uma visão profunda da unidade fundamental da realidade, mas também implica que as diferenças individuais são ilusórias (Maya) e que a libertação consiste em transcender a ilusão da individualidade. O taoísmo, por sua vez, enfatiza o Tao — o caminho ou princípio fundamental da realidade — como uma força impessoal e imanente que governa o universo e com a qual o ser humano deve aprender a harmonizar-se por meio da não-ação (Wu Wei) e da aceitação do fluxo natural das coisas.

No Ocidente, pensadores como Baruch Spinoza desenvolveram filosofias panteístas que concebem Deus como a substância única que constitui toda a realidade, rejeitando a ideia de um Deus pessoal e transcendente. Para Spinoza, Deus não é um ser que existe fora ou acima da natureza, mas é idêntico à natureza mesma (Deus sive Natura—Deus ou Natureza). Esta visão oferece uma solução elegante para o problema da relação entre Deus e o mundo, mas ao custo de eliminar a pessoalidade de Deus e a possibilidade de uma relação pessoal entre Deus e o ser humano. O panteísmo, em suas várias formas, reflete uma intuição profunda sobre a unidade e a interconexão de toda a realidade, mas falha em preservar a transcendência divina e a dignidade autêntica da criação, como algo que existe por vontade de Deus, e não como uma extensão necessária de sua essência.

b) O Politeísmo: A Multiplicidade do Divino

O politeísmo caracteriza-se pela crença e adoração de múltiplos deuses, cada um com sua própria personalidade, atributos específicos, domínios de atuação e, frequentemente, histórias e mitos próprios. Neste sistema religioso, o panteão de deuses e deusas não apenas existe em isolamento, mas também interage entre si, com os humanos e com o mundo natural, influenciando os eventos cósmicos e a vida cotidiana por meio de suas ações, caprichos e conflitos. Exemplos clássicos incluem as religiões da Grécia e da Roma Antiga, com seus deuses

olímpicos — Zeus, Atena, Apolo, Afrodite — e suas mitologias ricas em narrativas de amor, guerra, traição e redenção que refletem as complexidades da experiência humana.⁹

O vasto panteão do hinduísmo, com suas várias manifestações divinas — Brahma, Vishnu, Shiva e inúmeras outras divindades — representa uma forma sofisticada de politeísmo que coexiste com concepções monoteístas e panteístas. As religiões tradicionais africanas, nas quais os orixás e outras divindades governam diferentes aspectos da existência — da fertilidade à guerra, do amor à morte — constituem outro exemplo significativo de politeísmo que permanece vivo em muitas comunidades contemporâneas, inclusive no Brasil, onde a religião dos orixás se sincretizou com o catolicismo popular. O culto politeísta frequentemente envolve rituais específicos para cada divindade, buscando a sua benevolência, apaziguando a sua ira ou oferecendo sacrifícios que reforçam a relação entre o humano e o divino.

O politeísmo oferece várias vantagens do ponto de vista psicológico e social. Permite que diferentes aspectos da experiência humana e da natureza sejam honrados por meio de divindades específicas, oferecendo um panteão rico e complexo que reflete a multiplicidade da realidade. Facilita também a integração de diferentes tradições religiosas quando culturas entram em contato, pois novos deuses podem ser simplesmente adicionados ao panteão existente. Contudo, o politeísmo enfrenta dificuldades teológicas significativas: como explicar a origem e a natureza desses múltiplos deuses? Como resolver conflitos entre suas vontades? Qual é a fonte última de ordem e significado no universo?

c) O Monoteísmo: A Crença em um Único Deus Transcendente

O monoteísmo caracteriza-se pela crença em um único Deus, concebido como o criador e sustentador de todo o universo. Este Deus é geralmente descrito como onipotente (todo-poderoso), onisciente (todo-conhecedor) e onipresente (presente em todo lugar), transcendente à criação — ou seja, fundamentalmente distinto e superior a ela — mas também imanente em sua ação providencial, sustentando e guiando o universo que criou. As três grandes religiões abraâmicas—o judaísmo, o cristianismo e o islamismo—são os exemplos mais

⁹ Homero. *Ilíada e Odisseia*. São Paulo: Editora 34, 2010.

proeminentes de monoteísmo, cada uma delas enfatizando a unicidade absoluta de Deus e a exclusividade do culto a Ele.¹⁰

Nesses sistemas religiosos, a relação entre Deus e a humanidade é frequentemente vista como uma aliança ou pacto, em que Deus revela a sua vontade através de profetas, escrituras sagradas e tradições, oferecendo a salvação e a redenção, enquanto os fiéis respondem com fé, obediência e adoração. No monoteísmo, a singularidade de Deus implica uma exclusividade no culto — a adoração de outros deuses é considerada idolatria e violação da aliança divina — e uma visão de mundo em que a moralidade e a ética derivam diretamente de sua vontade divina, revelada por meio de mandamentos e ensinamentos sagrados. O monoteísmo oferece uma base sólida para uma ética universal e para a compreensão de um propósito cósmico único, mas também levanta questões teológicas profundas, particularmente o problema do mal: se Deus é onipotente e perfeitamente bom, por que existe o sofrimento no mundo?

d) A Superioridade Teológica do Monoteísmo Cristão

Do ponto de vista da teologia católica, o monoteísmo cristão representa não apenas uma forma diferente de compreender o divino, mas também uma revelação superior e mais completa da natureza de Deus. Enquanto o panteísmo reduz Deus à imanência cósmica, perdendo a transcendência e a personalidade divinas, e o politeísmo fragmenta a divindade em múltiplas entidades, frequentemente limitadas e falíveis, o monoteísmo cristão afirma a existência de um único Deus infinito, perfeito e pessoal. Mais ainda, a revelação cristã vai além do monoteísmo judaico e islâmico ao proclamar o mistério da Santíssima Trindade — a compreensão de que o Deus único existe em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo.¹¹

Esta revelação trinitária não é uma contradição do monoteísmo, mas sim sua plenitude e seu aprofundamento. Ela revela que Deus não é apenas uma força impessoal ou um legislador distante, mas um Deus que é amor em sua essência mais profunda (1 Jo 4,8), um Deus que se relaciona pessoalmente com a criação e que, em Jesus Cristo, assumiu a natureza humana para redimir a humanidade e oferecer a salvação. A encarnação do Filho de Deus, a morte redentora

¹⁰ João Paulo II. *Encíclica Fides et Ratio*, nn. 24-32.

¹¹ Catecismo da Igreja Católica, para. 198-267.

de Cristo e a promessa da ressurreição representam a manifestação suprema do amor divino e da vontade de Deus de se comunicar com a humanidade, distinguindo fundamentalmente o cristianismo de outras formas de monoteísmo e oferecendo uma resposta única à busca religiosa universal do ser humano.

O teólogo Ruy de Oliveira Andrade Filho argumenta que a revelação cristã não apenas responde às questões teológicas deixadas em aberto pelo monoteísmo judaico e islâmico, mas também oferece uma compreensão mais profunda da natureza do divino como relação pessoal e comunhão amorosa.¹² A Trindade não é um conceito abstrato, mas uma revelação sobre a natureza íntima de Deus, como amor infinito, que se expressa na criação, na redenção e na santificação. Esta compreensão oferece uma base teológica sólida para a dignidade da pessoa humana, criada à imagem da Trindade e chamada à participação na vida divina pela graça.

Conclusão

A análise da religiosidade humana, desde seus primórdios até as grandes concepções do divino, revela que a busca pelo transcendente é uma característica inalienável da natureza humana. Seja através dos rituais das cavernas pré-históricas, dos cultos agrários das primeiras civilizações, ou das sofisticadas teologias das grandes religiões mundiais, o ser humano demonstra uma abertura constitutiva para o sagrado, uma capacidade — o *Capax Dei* — que o distingue de todas as outras criaturas. A diversidade de formas pelas quais essa religiosidade se expressa — panteísmo, politeísmo e monoteísmo — reflete diferentes tentativas humanas de compreender e relacionar-se com o divino, cada uma oferecendo insights valiosos sobre a natureza de Deus e da existência humana.

A Igreja Católica, fundada por Cristo, reconhece e valoriza essa busca universal pelo divino, vendo nela um sinal da ação do Espírito Santo que trabalha em todas as culturas e épocas. Contudo, ela afirma que a plenitude dessa busca encontra-se na revelação cristã, na pessoa de

¹² Andrade Filho, Ruy de Oliveira. *A Trindade: Mistério de Comunhão e Amor*, pp. 45-78.

Jesus Cristo e no mistério da Santíssima Trindade. Para o leigo católico contemporâneo, compreender essa trajetória histórica da religiosidade humana oferece uma perspectiva enriquecida sobre a própria fé, revelando que o catolicismo não é uma imposição arbitrária, mas a resposta suprema a uma aspiração que é tão antiga quanto a própria humanidade. Ao mesmo tempo, essa compreensão oferece uma base para um diálogo respeitoso com outras tradições religiosas, reconhecendo a legitimidade de suas buscas, enquanto se mantém firme na convicção de que a verdade plena se encontra em Cristo.

Questões para Aprofundamento sobre História das Religiões

1. O que significa "homo religiosus" e por que essa característica é fundamental para compreender a natureza humana?

- "Homo religiosus" refere-se ao ser humano como fundamentalmente religioso por natureza. Não é uma característica adquirida ou culturalmente imposta, mas uma abertura intrínseca ao transcendente que faz parte da estrutura ontológica do ser humano. Esta capacidade de reconhecer o sagrado, de experimentar o divino e de buscar uma relação pessoal com Deus é tão fundamental quanto a razão, a linguagem ou a capacidade de criar ferramentas. Compreender o ser humano como homo religiosus significa reconhecer que a religiosidade não é um fenômeno secundário ou acidental na história humana, mas é central para a identidade e a realização humanas, mesmo nas sociedades contemporâneas marcadas pelo secularismo.

2. Quais são os principais testemunhos arqueológicos que comprovam a religiosidade primordial da humanidade?

- Os principais testemunhos arqueológicos incluem as pinturas rupestres das cavernas de Lascaux e Altamira, que sugerem práticas rituais e espirituais; os enterros elaborados de Neandertais e Cro-Magnons, acompanhados de oferendas, ferramentas e flores, indicando crença na vida após a morte; e as estatuetas femininas como a Vênus de Willendorf, datada de aproximadamente 25.000 anos, sugerindo cultos relacionados à fertilidade. Esses achados demonstram que a dimensão espiritual não era marginal, mas integral à vida dessas comunidades pré-históricas, revelando estruturas simbólicas sofisticadas e a dedicação significativa de recursos a expressões religiosas.

3. Como a religião respondeu aos anseios existenciais profundos da humanidade?

- A religião ofereceu respostas estruturadas às três grandes questões humanas: de onde viemos, por que estamos aqui e para onde vamos. Diante da grandiosidade da natureza, da finitude da vida e do mistério da morte, a religião forneceu explicações para fenômenos naturais antes inexplicáveis, estabeleceu valores morais para a convivência social, criou códigos de conduta que permitiram a organização de comunidades complexas e ofereceu consolo e esperança diante do sofrimento. Transformou a dor em um elemento significativo da existência, frequentemente compreendido como uma oportunidade de crescimento espiritual ou como um sacrifício de valor transcendental, entrelaçando identidade pessoal, coesão social e compreensão do cosmos.

4. Qual foi o impacto da transição de sociedades caçadoras-coletoras para sociedades agrícolas no desenvolvimento da religiosidade?

- A transição para sociedades agrícolas marcou um ponto de inflexão crucial. A observação dos ciclos naturais e a dependência absoluta da fertilidade da terra levaram ao desenvolvimento de cultos agrários sofisticados e divindades associadas à fecundidade e colheita. Grandes templos e estruturas monumentais foram erguidos, como Göbekli Tepe (9.500 anos), revelando que a religiosidade foi um fator motivador na transição para sociedades sedentárias. O sacerdócio emergiu como classe especializada, e a religião tornou-se um pilar fundamental da ordem social e política, legitimando o poder dos governantes e fornecendo identidade e propósito coletivo.

5. O que é o Capax Dei e qual é sua importância na teologia católica?

- Capax Dei significa literalmente "capaz de Deus" e refere-se à capacidade inerente do ser humano de se relacionar com Deus. É uma característica ontológica fundamental da natureza humana, não resultado de educação

ou construção cultural, embora possa ser desenvolvida ou suprimida por circunstâncias históricas. O Catecismo da Igreja Católica afirma que "o desejo de Deus está inscrito no coração do homem, porque o homem foi criado por Deus e para Deus." Esta capacidade aponta para a verdade de que o ser humano só encontra verdadeira plenitude em uma relação de entrega e comunhão com Deus, seu criador e seu destino final.

6. Como o panteísmo compreende a relação entre Deus e o universo, e quais são suas limitações teológicas?

- O panteísmo afirma que Deus e o universo são fundamentalmente idênticos ou inseparáveis, com a divindade imanente a tudo o que existe. Cada árvore, rio e ser vivo é expressão do divino. Embora ofereça uma visão de profunda interconexão e harmonia, o panteísmo falha em preservar a transcendência de Deus e a realidade autêntica da criação como algo distinto de Deus. Nega a pessoalidade divina e a possibilidade de uma relação pessoal entre Deus e o ser humano. Exemplos incluem certas vertentes do hinduísmo, do taoísmo e a filosofia de Spinoza, que concebe Deus como idêntico à natureza mesma.

7. Quais são as características principais do politeísmo e como ele se manifesta em diferentes culturas?

- O politeísmo caracteriza-se pela crença em múltiplos deuses, cada um com personalidade, atributos e domínios específicos que interagem entre si e com os humanos. Exemplos incluem as religiões gregas e romanas (Zeus, Atena, Apolo), o hinduísmo (Brahma, Vishnu, Shiva) e as religiões tradicionais africanas (orixás). O politeísmo oferece vantagens psicológicas ao honrar diferentes aspectos da experiência humana por meio de divindades específicas e facilita a integração de tradições religiosas. Contudo, enfrenta dificuldades teológicas: como explicar a origem desses

deuses? Como resolver conflitos entre suas vontades? Qual é a última fonte de ordem no universo?

8. Como o monoteísmo se diferencia do panteísmo e do politeísmo em sua compreensão do divino?

- O monoteísmo afirma a existência de um único Deus onipotente, onisciente e onipresente, transcendente à criação, mas imanente em sua ação providencial. Diferencia-se do panteísmo ao preservar a transcendência divina e a realidade autêntica da criação, distinta de Deus, e do politeísmo ao rejeitar a multiplicidade de deuses. As três religiões abraâmicas—judaísmo, cristianismo e islamismo—são exemplos proeminentes. A relação entre Deus e a humanidade é vista como uma aliança ou um pacto, em que Deus revela sua vontade e oferece salvação, enquanto os fiéis respondem com fé, obediência e adoração.

9. Por que a teologia católica considera o monoteísmo cristão superior ao monoteísmo judaico e ao islâmico?

- A teologia católica considera o monoteísmo cristão superior porque vai além da unicidade de Deus ao proclamar o mistério da Santíssima Trindade—que o Deus único existe em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. Isto não é contradição do monoteísmo, mas sim sua plenitude. Revela que Deus não é apenas força impessoal ou legislador distante, mas amor em sua essência profunda. A encarnação do Filho de Deus, sua morte redentora e a promessa de ressurreição representam a manifestação suprema do amor divino e da vontade de comunhão com a humanidade, oferecendo uma resposta única à busca religiosa universal que outras formas de monoteísmo não conseguem oferecer.

10. Como a compreensão histórica da religiosidade humana enriquece a fé do leigo católico contemporâneo?

- Compreender a trajetória histórica da religiosidade humana oferece ao leigo católico uma perspectiva enriquecida sobre sua própria fé, revelando que o catolicismo não é uma imposição arbitrária, mas uma resposta suprema a uma aspiração tão antiga quanto a humanidade. Demonstra que a busca pelo transcendente é característica inalienável da natureza humana, manifestando-se desde rituais pré-históricos até sofisticadas teologias contemporâneas. Oferece também base para um diálogo respeitoso com outras tradições religiosas, reconhecendo a legitimidade de suas buscas, enquanto mantém a convicção de que a verdade plena encontra-se em Cristo e no mistério da Trindade.

Referências Bibliográficas:

- ANDRADE FILHO, Ruy de Oliveira. *A Trindade: Mistério de Comunhão e Amor*. São Paulo: Paulus, 2008.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. *Catecismo da Igreja Católica*. Tradução da CNBB. São Paulo: Loyola, 1993.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- HICK, John. *Filosofia da Religião*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- HOMERO. *Ilíada e Odisseia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora 34, 2010.
- JOÃO PAULO II. *Encíclica Fides et Ratio: Sobre as Relações entre Fé e Razão*. São Paulo: Paulus, 1998.
- JOÃO PAULO II. *Encíclica Mulieris Dignitatem: Sobre a Dignidade e a Vocação da Mulher*. São Paulo: Paulus, 1988.
- JOÃO PAULO II. *Encíclica Laborem Exercens: Sobre o Trabalho Humano*. São Paulo: Paulus, 1981.
- JOÃO PAULO II. *Encíclica Evangelium Vitae: Sobre o Valor e a Inviolabilidade da Vida Humana*. São Paulo: Paulus, 1995.
- LEROI-GOURHAN, André. *O Gesto e a Palavra: Técnica e Linguagem*. Tradução de Vítor Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 1965.
- PONDÉ, Luiz Felipe. *Crítica e Profecia: A Filosofia da Religião em Dostoiévski*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- PONDÉ, Luiz Felipe. *A Religião Hoje*. São Paulo: Editora 34, 2011.
- PRANDI, Reginaldo. *Os Candomblés de São Paulo: A Velha Magia na Metrópole Nova*. São Paulo: Hucitec, 1991.
- SCHMIDT, Klaus. *Göbekli Tepe: Genesis of the Gods*. Istanbul: Memento, 2012.
- SPINOZA, Baruch. *Ética*. Tradução de Tomás Tadeu. São Paulo: Editora 34, 2007.
- TATTERSALL, Ian. *O Surgimento do Homem Moderno*. Tradução de Beatriz Sidou. Rio de Janeiro: Record, 1998.

- TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. Tradução de Getúlio Bertelli. São Paulo: Sinodal, 1984.
- VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes: Sobre a Igreja no Mundo Contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 1965.
- VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium: Sobre a Igreja*. São Paulo: Paulus, 1964.